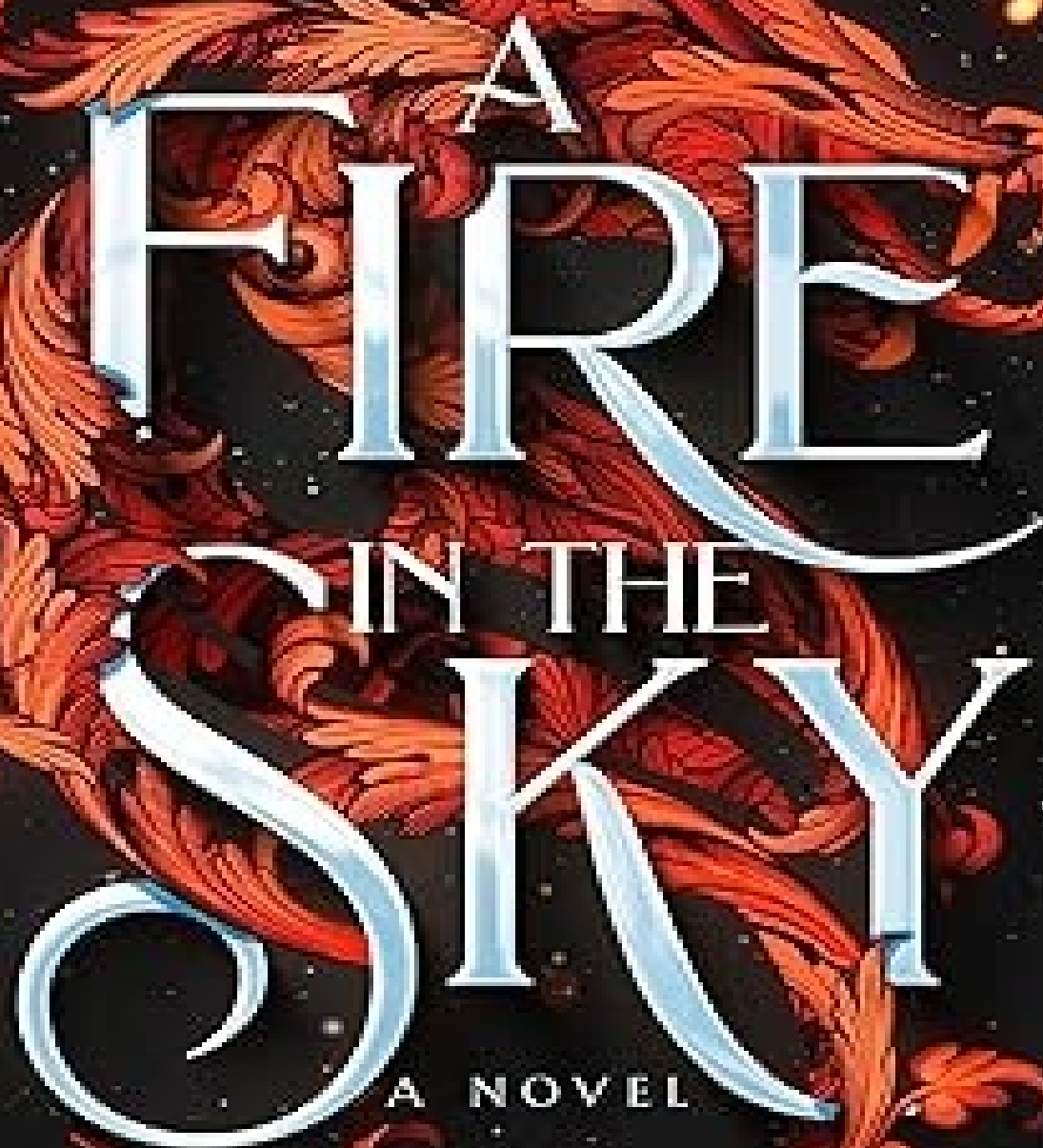
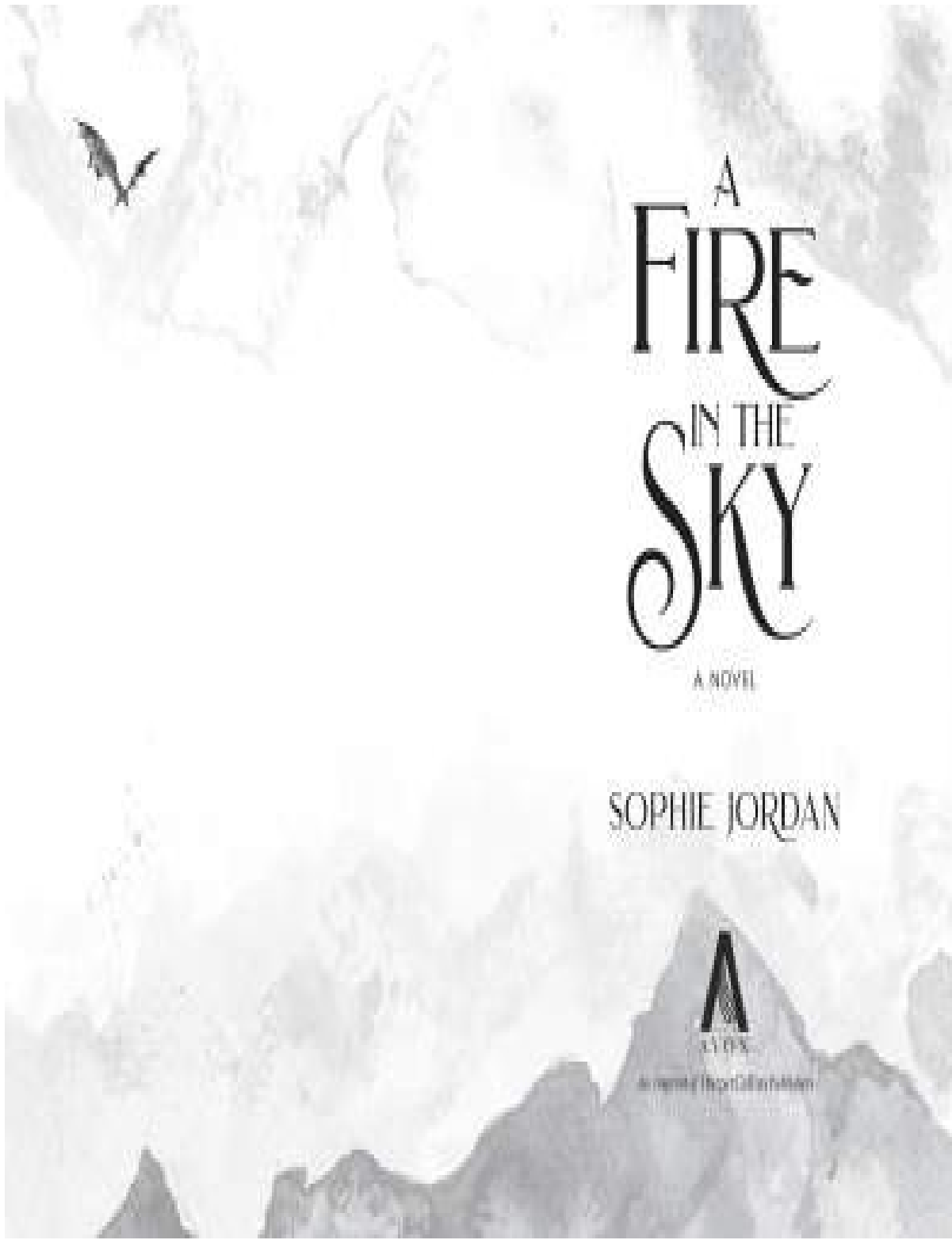


NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
SOPHIE JORDAN



A
FIRE
IN THE
SKY
A NOVEL

Magic lives . . .



A
FIRE
IN THE
SKY

A NOVEL

SOPHIE JORDAN



ALPHA

AN IMPRINT OF THE CROWN PUBLISHING GROUP

Dedicação

Para Diana Quincy: Sou muito grata por poder chamá-la de amiga.

Epígrafe

Os ventos de fogo circulam.

No céu essas palavras se firmam.

Siga o bater das asas e do ouro,

Através de túneis e tocas escondidas, profundas e frias.

Dragão inimigo, ouça meu feitiço:

Que o reinado do dragão acabe,

Que suas mãos nunca desovam.

Não há mais filhotes,

Não há mais filhotes,

Nenhum outro filhote verá o amanhecer.

—MALDIÇÃO DA BRUXA DAS SOMBRA VALA, ANO 400 DA DEBULAÇÃO

Conteúdo

[Cobrir](#)

[Página de título](#)

[Dedicação](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Parte I: A Garota Chicoteadora](#)

[1. Tamsin](#)

[2. Caiu](#)

[3. Tamsin](#)

[4. Estigma](#)

[5. Tamsin](#)

[Parte II: O Casamento](#)

[6. Tamsin](#)

[7. Caiu](#)

[8. Tamsin](#)

[9. Tamsin](#)

[10. Caiu](#)

[11. Tamsin](#)

[12. Estigma](#)

[Parte III: A Travessia](#)

[13. Tamsin](#)

[14. Caiu](#)

[15. Tamsin](#)

[16. Tamsin](#)

[17. Tamsin](#)

[18. Caiu](#)

[19. Tamsin](#)

[20. Caiu](#)

[Parte IV: O Dragão](#)

[21. Yrsa](#)

[22. Tamsin](#)

[23. Caiu](#)

[24. Esguicho](#)

[25. Tamsin](#)

[26. Caiu](#)

[27. Tamsin](#)

[Parte V: Os Borg](#)

[28. Tamsin](#)

[29. Caiu](#)

[30. Tamsin](#)

[31. Esguicho](#)

[32. Tamsin](#)

[33. Tamsin](#)

[34. Caiu](#)

[35. Tamsin](#)

[Nota do autor](#)

[*Agradecimentos*](#)

[*Sobre o autor*](#)

[*Também por Sophie Jordan*](#)

[*Direitos autorais*](#)

[*Sobre o editor*](#)



Prólogo

OS DRAGÕES VIVEM.

Todos acreditam que eles se foram, o último deles aniquilado na Debulha. Perdido nos anais do tempo, no desvanecimento da memória, para ser lembrado apenas pelos bardos.

É a arrogância do homem que mantém isso — o desejo de que seja assim. Mas desejar não torna algo realidade.

Anos atrás, os reinos dos homens se uniram e se aventuraram nos Crag. Legiões de soldados uniram forças para o bem maior, para ver o fim dos dragões pestilentos. Com suas flechas com pontas de escamas e espadas de osso de dragão e bandos de lobos, amamentados desde filhotes com sangue de dragões, a humanidade caçou dragões através das brumas, nas profundezas das cavernas antigas e túneis sinuosos das montanhas. Por anos, por décadas, por séculos, eles caçaram, livrando o céu do fogo do dragão e reivindicando seus esconderijos de tesouro para si.

Nenhum canto dos Crag foi ignorado. Nenhuma cavidade, ravina ou floresta deixada inexplorada. Nenhum recurso inexplorado. Soldados vasculharam e mataram todo bando até que a última criatura alada foi apagada da terra e do céu. Até que seu fogo foi extinto para sempre. Até que nenhum restou.

Exceto um.



Parte I

A Garota Chicoteadora

1

[Tamsyn](#)

ERA UM BOM DIA PARA UMA CHICAGAÇÃO.

Eu já tive minha cota. Muitas para contar. Mas hoje foi especial. Hoje os lordes da fronteira chegaram.

A notícia chegou à Cidade e chegou ao palácio. O grupo foi avistado do lado de fora de nossos muros, uma serpente sinuosa de guerreiros a caminho de nós. Eles chegariam aqui em breve, assim que terminassem a subida pelas ruas sinuosas e labirínticas.

O camareiro-mor estava distraído demais para me dar uma surra adequada. Em circunstâncias normais, Kelby gostava de se demorar em seu trabalho, ofegando de prazer enquanto desferia cada golpe na carne exposta das minhas costas. Ele esperava enquanto eu recuava e ficava tenso de dor. Esperava até que eu relaxasse. Esperava até que meu corpo relaxasse. E então ele atacaria novamente. Ele era um especialista em distribuir abusos. Assim como eu era especialista em aceitá-los.

Seus dedos secos frequentemente deslizavam pela minha espinha, uma carícia perturbadora entre as esfolas do chicote. Hoje não houve tais carícias, pois eu apertei meu vestido contra o peito por uma questão de modéstia. Inclinei-me sobre a mesa onde ele havia me orientado a tomar minha posição. Ele interrompeu nossa aula de harpa. A Senhora Gytha, a harpista residente, havia fugido da sala quando ele chegou e anunciou que tinha vindo para administrar minha punição.

Os moradores do palácio se dividiam em duas categorias: aqueles que conseguiam suportar minhas chicotadas e aqueles que não conseguiam. A bondosa Gytha estava no último grupo.

Os membros daquele grupo nunca ficaram por perto para testemunhar os acontecimentos desconfortáveis.

Ninguém nunca se opôs, no entanto. Ninguém interveio. Simplesmente não foi feito.

Kelby correu para sua tarefa, sem seu vigor e meticulosidade habituais hoje, claramente ressentido por eu estar o afastando de outras diversões. Sem dúvida, ele desejava estar entre os cortesãos, pendurados nas muralhas, maravilhados com a procissão de guerreiros calejados pela batalha entrando no palácio.

Minhas irmãs assistiram enquanto minha chicotada era imposta. Esse era o protocolo. Sempre.

Senhoras perfeitas todas em uma fileira, princesas criadas para serem rainhas, suas mãos recatadamente entrelaçadas na frente delas, sofrendo a visão. E elas sofreram, pois como a garota real que açoita, eu fui criada ao lado delas, criada como sua parente, chamada de *irmã* ... mesmo que eu não fosse.

Eles teriam que ser monstros sem coração para não sentir nada.

Mimados e superficiais eles podem ser, mas sem coração? Não. E esse era o ponto. Era assim que uma garota real servia. Minha punição se tornou a deles. Algo que eles sentiam. Algo que eles lamentavam.

Desde que éramos meninas, fazíamos tudo juntas. Brincávamos juntas. Comíamos juntas. Tínhamos aulas juntas. Não havia distinção entre nós. Nós éramos irmãs. Nenhuma diferença exceto uma. Uma distinção muito importante. Eu era a única a suportar qualquer punição.

Feena e Sybilia se moviam inquietas onde estavam. Elas também ansiavam por se juntar à folia e banquetear seus olhos com os infames guerreiros das Terras da Fronteira.

Mais animais do que homens, diziam que eram, e a razão pela qual nosso reino prosperou e permaneceu intacto. Por décadas, eles mantiveram com sucesso os inimigos ao norte afastados. A ameaça dos dragões se foi — terminou há cem anos após o Hormung, aquela brutal batalha final do

Threshing, que levou os dragões à beira da extinção. Mas havia muitos outros perigos lá fora para preencher a vaga. Bandidos dentro de nossas fronteiras. Saqueadores dos Craggs. Piratas da costa. Exércitos invasores de Veturland e do outro lado do canal.

O chicote estalou contra minha pele e eu estremei com a picada.

Alise fechou os olhos com força, uma expressão de contrição apertando suas feições. Aos dezesseis anos, ela era a mais nova e a mais afetada pelas minhas chicotadas.

Oh, Feena e Sybilia sentiram remorso, mas Alise foi a única irmã que foi reduzida às lágrimas quando fui disciplinada por seus erros. Ela pertencia à categoria de

“aqueles que não aguentaram minhas chicotadas.” Se ela não tivesse sido obrigada a assistir, ela teria fugido com a Senhora Gytha.

No momento em que o quinto e último chicote — o número que Kelby havia decidido como punição pela briga de Sybilia e Feena naquela manhã, por causa de uma fita de cabelo, entre todas as coisas — atingiu minhas costas, ele jogou o chicote para uma empregada próxima.

“Veja, isso põe fim à sua discussão indecorosa. Temos convidados importantes.

Comportem-se como as princesas Penterran que vocês são e deixem seus pais orgulhosos.”

Ele levou um momento para acenar severamente para Feena e Sybilia antes de sair da sala.

As meninas também não demoraram, seguindo-o rapidamente para se juntar à festa da corte.

Só Alise permaneceu, ajudando a colocar minhas roupas de volta no lugar, consciente de minhas costas sensíveis. "Sinto muito. Mas não há pele quebrada", ela me assegurou, espantando a empregada que tinha se adiantado para ajudar, mas então, eu sabia disso.

Ao longo dos anos, sofri muito poucas chicotadas que realmente romperam a pele.

Esses incidentes se destacaram exatamente por esse motivo.

"Não é sua culpa", eu disse, estremeando levemente quando todo o peso da minha saia se acomodou em minhas costas doloridas.

"Desta vez", ela murmurou enquanto amarrava meu vestido.

Enviei-lhe um olhar carinhoso. "Quase nunca é culpa *sua*."

A flagelação por procuração alcançou os resultados desejados com Alise.

Ela odiava tanto que eu fosse machucado que ela quase nunca se comportava mal. Ela estava tão perto da perfeição quanto humanamente possível.

"Essas duas," ela resmungou, lançando um olhar furioso para onde suas irmãs mais velhas estavam. "Ficarei feliz em vê-las casadas e mortas."

Estremeci com isso, porque não *ficaria* feliz.

Quando Feena e Sybilia se casaram e partiram — uma situação que sem dúvida aconteceria em breve, porque o rei já estava em negociações de noivado com o país de Acton, do outro lado do Canal Escuro, bem como com a longínqua Ilha de Meru — Alise rapidamente seguiria o exemplo, e eu não tinha pressa em perder minha irmã favorita.

Eu não sabia o que os pais dela tinham planejado para ela, se eles já tinham um plano... mas eles teriam. Eventualmente. Eles não permitiriam que a mais adorável e doce das princesas permanecesse solteira. Não com a crescente ameaça do

norte. Seria uma oportunidade desperdiçada. Eu tinha reunido o suficiente de trechos de conversas na corte e entre o rei e o lorde regente para saber que Penterra estava desesperada para fortalecer seus aliados.

Engoli em seco. Quando as princesas se casassem e fossem embora, eu ficaria sozinha. Podemos não ser irmãs de nascimento, mas elas eram a única família que eu já conheci. O que seria de mim quando eu não fosse mais necessária? O que eu seria então? O desconforto nas minhas costas empalideceu em comparação com a pontada pesada no meu peito.

Posso estar preso entre mundos — real e não real, pertencente e não pertencente — mas pelo menos eu sabia meu lugar, meu propósito.

Quando eles se forem, tudo isso acaba. Terei que encontrar um novo lugar, um novo propósito.

Eu afastei aquele pequeno sussurro insidioso, que alimentava meus medos cada vez mais ultimamente. Eu suspirei. Não fazia sentido me preocupar com o que eu não podia controlar. Não era como se o rei e a rainha fossem me deixar de lado, afinal. Eles se importavam comigo e, sem dúvida, me veriam bem situado.

“Eles não querem se meter em problemas”, eu disse.

Era profundo, esse instinto de defendê-las, até uma para a outra. Eu não sabia de mais nada. Eu fazia isso desde os meus cinco anos de idade e foi decidido que eu tinha idade suficiente para começar a pagar o preço pelos erros das minhas irmãs.

Alise revirou os olhos. “Eles não *querem*, mas fazem. Eles precisam estar cientes de como suas ações afetam você.” Um pouco tarde para isso. Resisti em apontar que se eles não tivessem aprendido essa lição até agora, nunca aprenderiam.

Ela agarrou minha mão e me puxou para fora da câmara. “Venha, Tam. Vamos ver o que é toda essa confusão.” Seu olhar procurou meu rosto, parando. “Se você se sentir a fim, isto é...”

“Claro que sim. Vamos.” A visita dos lordes da fronteira era muito aguardada.

Eu estava tão curioso quanto todo mundo e ansioso para vê-los.

Nós nos apressamos para o Grande Salão, onde o rei e a rainha dariam as boas-vindas aos recém-chegados, assim como faziam com todos os dignitários estimados. Feena e Sybilis já estavam lá, sentadas em suas cadeiras à direita da rainha, seus rostos brilhantes extasiados enquanto se inclinavam ansiosamente para a frente.

Nós abrimos caminho pela multidão. Todos no palácio estavam aqui para testemunhar o espetáculo. Os senhores e senhoras da corte se espremiavam densamente ao meu redor, os odores de suor e perfume em corpos sujos subindo para encher meu nariz. Uma brisa fraca passava pelas frestas de

flechas nas paredes, mas não o suficiente para circular o ar entre a multidão de espectadores.

Meu olhar disparou para as portas duplas do Grande Salão, o pulso na minha garganta saltando. Eu podia ouvi-los chegando — os passos pesados dos guerreiros se aproximando. Minha pele ficou arrepiada, vibrando e zumbindo conforme eles se aproximavam.

Foi uma sensação estranha. Ao mesmo tempo emocionante e agourenta. Minha boca secou em antecipação. Eles logo estariam aqui, de pé diante do estrado, onde a família real estava sentada em um impressionante tableau — onde eu também normalmente me sentava, na cadeira ao lado de Alise. Meu olhar fixou-se nas duas cadeiras vagas ao lado de Feena. Uma para Alise e a outra para mim. Eu não conseguia me mover para frente. Meus pés de chinelo estavam plantados, presos ao chão por algum motivo. O instinto de me agarrar ao perímetro da sala me prendeu no lugar.

Cutuquei minha irmã. “Vá em frente. Tome seu lugar com eles, Alise.”

Ela apertou minha mão e me estudou curiosamente, respondendo levemente: “Vamos sentar em nossos lugares.” Ela sempre fez o melhor que pôde para me fazer sentir como se eu fosse um deles.

Soltei minha mão da dela e a coloquei sobre meu estômago que subitamente começou a revirar.

Eu não queria sentar naquela cadeira lá em cima, na frente dos forasteiros. Não tão desconfortável quanto eu me sentia. A própria noção disso me fez sentir coceira por todo o corpo... como se minha pele estivesse muito esticada.

“Sabe, não me sinto muito bem”, eu disse. “Vou me retirar para meu quarto.”

Ela examinou meu rosto, assentindo lentamente. “Muito bem. Você deveria pedir um chá de menta.”

“Eu farei isso.” Virando-me, afastei-me, perdendo-me mais profundamente na multidão, mas não saí do salão. Não consegui me obrigar a fazer isso. Eu

ainda estava curioso. Parecia... *mais seguro* assistir à distância. Sem ser visto.

Convencida de que Alise acreditava que eu tinha ido embora, me encostei em uma parede distante, atrás de uma senhora com um vestido volumoso. Olhei por cima do ombro da mulher, esperando que meu cabelo ruivo me beneficiasse por uma vez e me ajudasse a me misturar com o escarlata brilhante de seu cocar. Se eu fosse vista, poderia ser compelida a tomar meu lugar de costume no estrado.

De repente, uma figura se aproximou de mim. “O que você está fazendo aqui fora, olhando boquiaberto para o resto da corte?” Eu pulei ao som da voz profunda no meu ouvido.

Minha mão voou para o peito, pressionando meu coração que de repente disparou.

“Stig.” Soltei uma risadinha ofegante. “Você me deu um susto.”

Um sorriso brincou na boca do meu amigo. Ele acenou para onde minha família estava sentada.

“Você pertence lá em cima.”

Eu corei sob seu olhar astuto. Stig não seria tão fácil de desviar quanto Alise.

Para começar, ele não era uma garota ingênua de dezesseis anos. Ele era confiante e perceptivo. Aos vinte e três anos, ele era filho do lorde regente e servia como capitão da guarda. Havia muitos sussurros mesquinhos de que ele havia recebido o papel simplesmente por causa da posição de seu pai, mas eu sabia melhor. A astúcia e ambição de seu pai podem ter garantido a ele a nomeação como lorde regente, vencendo vários outros candidatos e tornando-o o segundo homem mais poderoso do reino, mas Stig era mais do que competente por si só. Ele era um espadachim excepcional e astuto nas manobras da corte. Sua lealdade era profunda. Ele não hesitaria em oferecer sua vida pelo rei e pelo país. Ele também possuía algo que seu pai não possuía: um coração.

“Prefiro assistir daqui.”

Seu meio sorriso desapareceu, e sua expressão ficou turva. “Tamsyn,” ele disse naquela voz suavemente repreensiva que eu conhecia bem.

Ele tinha usado isso tantas vezes ao longo dos anos, sempre se certificando de que eu sabia que eu era tão importante quanto minhas irmãs e merecia todas as mesmas honras. Eu não conseguia contar as vezes em que ele veio me resgatar: o forte e nobre Stig afugentando os valentões que pensavam em me colocar no meu *devido* lugar. A maioria das pessoas respeitava meu papel no palácio, mas sempre havia alguns. Alguns naquela época e alguns agora. Valentões que achavam importante me lembrar que eu não era uma verdadeira princesa de sangue azul.

Dei de ombros e dei a ele o que esperava ser um olhar tranquilizador.

"Estou bem", insisti. "Eu apenas prefiro a vista daqui." Fiz um gesto sem graça ao meu redor para os espectadores boquiabertos.

Ele não olhou para nenhum deles. Seu olhar permaneceu fixo em mim.

“Você é uma princesa de Penterra. Você pertence lá em cima.” Sua cabeça se inclinou em direção ao estrado. Depois de um longo momento, quando não fiz nenhum movimento para tomar meu lugar, ele se inclinou para mais perto, seus olhos brilhando enquanto ele me provocava em uma voz deliberadamente baixa: “Você está com medo?”

Eu corei.

Aqueles olhos castanhos e quentes viajaram pelo meu rosto enquanto ele continuava a provocar. “Com medo dos grandes homens maus entrando pelas portas? Não me diga que você acredita em todas as histórias malucas sobre eles.”

Revirei os olhos e zombei.

Com medo? De estranhos? Eu não tinha razão para temê-los. E ainda assim... havia algo que eu sentia. Engoli em seco. Algo que me impedia de me colocar na linha de visão deles.

O brilho provocador desapareceu dos olhos de Stig enquanto ele me considerava. Como se ele visse algo em mim então, visse qualquer coisa misteriosa e desconfortável que me roía. Sua expressão ficou sombria como

um túmulo. "Tamsyn?" Sua garganta trabalhou enquanto ele parava. "Você sabe que eu sempre vou te proteger."

Não tive a chance de responder — de concordar ou discordar — embora, é claro, eu soubesse disso sobre ele.

As portas foram escancaradas, batendo nas paredes, o som reverberando pelo vasto espaço e ecoando em meus ouvidos. O lorde camareiro liderou o caminho, seu rosto perpetuamente corado ainda mais brilhante do que o normal enquanto ele se curvava e raspava baixo diante do rei e da rainha. Kelby estava gostando disso. A maneira como seus olhos brilhavam me lembrou de quando ele estava me chicoteando — ou devorando uma perna de carneiro assada.

Ambos os passatempos favoritos. "Vossas Majestades, eles chegaram!"

Uma dúzia de soldados da fronteira, oito homens e quatro mulheres, entraram no salão, todos guerreiros, de pescoço grosso e musculosos, vestidos com túnicas de couro blindadas, espadas guardadas em bainhas nas costas, suas botas pesadas batendo no ritmo do meu coração martelando. Eles descaradamente carregavam a sujeira da longa jornada enquanto caminhavam na frente dos membros da corte vestidos de seda e brocado.

As mulheres eram altas e magras. Olhei para elas com admiração. Eu nunca tinha visto mulheres como essas, vestidas com armaduras e calções, treinadas para defender e lutar ao lado dos homens. Meu olhar se estreitou em uma das guerreiras, meu nariz se contraindo.

Aquilo era *sangue* na braçadeira dela?

"Talvez você devesse esperar aqui, afinal", disse Stig ríspidamente.

Olhei rapidamente para ele. Seu lábio se curvou em uma leve careta enquanto ele avaliava nossos visitantes.

"Sério?" Foi a minha vez de provocar. "Agora quem está com medo?"

Ele não se levantou para a provocação, sua atenção fixa firmemente nesses forasteiros que entravam no salão. "Melhor ficar longe deles."

“Eles são...” Procurei a palavra e então cheguei a ela. “Heróis.” O lembrete foi tanto para mim quanto para ele. “Devemos muito a eles.”

Ele zombou. “O quê? Deveríamos agradecer a eles pelo que é da natureza deles fazer?”

Eles são assassinos.” Ele balançou a cabeça. “Não se deixe enganar por todas essas histórias, Tamsyn.

Eles têm prazer em derramamento de sangue. Brutos, todos eles.”

“Um pouco duro,” murmurei. “Você é o capitão da guarda. Um soldado. Não muito diferente de—”

“Não. Não sou nada como eles”, ele interrompeu, sua voz monótona, sem o calor habitual.

“Eu sirvo o trono de Penterra. Sua família.” Ele sorriu então, olhando para mim novamente.

“Você.”

Eu sorri de volta. Como eu poderia não sorrir? Minha família era boa para mim... mas havia nobres da corte que me tratavam com desdém ou indiferença. Não Stig, no entanto. Ele sempre foi bom para mim. Sempre meu amigo.

Ele então saiu do meu lado, caminhando à frente, tomando seu lugar ao lado do estrado, flanqueando a família real, com uma fileira de seus guardas mais antigos ao seu lado, resplandecentemente vestidos com suas túnicas vermelhas com botões brilhantes, suas expressões estoicas enquanto olhavam para frente.

O senhor da fronteira e sua comitiva se ajoelharam diante do rei e da rainha. Cada um deles cruzou um braço sobre o peito, a mão fechada em punho sobre o coração. O contraste de sua aparência com todos os elegantes senhores e senhoras da corte era marcante. Constrangimento teria sido uma reação apropriada, mas tal sentimento não era evidente em seus rostos incrustados de sujeira.

Minhas narinas se dilataram. O cheiro deles chegou até mim. Vento, terra e carne de cavalo.

E algo mais. Algo mais. Algo que eu nunca tinha sentido antes. Uma onda de calor passou por mim, formigando minha pele. Em um nível profundo, eu reconheci isso mesmo que não pudesse nomeá-lo.

Perplexo, eu os observei com admiração. Esses guerreiros eram grandes, ferozes e desleixados. Nada como os guardas polidos do palácio, e Stig era o mais polido de todos eles, seu rico cabelo castanho penteado para trás de sua testa com muita precisão, sua barba curta e perfeitamente aparada enquanto ele fixava olhos alertas e cautelosos no grupo de guerreiros. Uma mão descansava no punho de sua espada embainhada. Eu reconheci o que ele fez. Vi o que ele viu. Eles eram violentos. Perigosos. Marcados e maltratados por um motivo. Eu me senti apenas mais certo de que estava certo em observar do perímetro do salão.

Eles usavam o cabelo mais longo do que era moda. Alguns com tranças. Alguns com as laterais do crânio raspadas. Desenhos de tinta rastejavam sobre a pele. As Borderlands claramente tinham sua própria moda. Eu não saberia. Ninguém se aventurava lá. Era um lugar incivilizado.

“É ele,” a moça na minha frente suspirou em admiração, se mexendo para bloquear parcialmente minha visão. “A Besta.” Deslizei um degrau e fiquei na ponta dos pés para ver melhor o homem parado no comando do grupo. “Senhor Besta,” ela acrescentou para ninguém em particular, como se fosse necessário um esclarecimento.

Senhor Besta.

Ele era maior e mais alto que os outros, e eu não era uma mulher franzina. Apenas alguns homens conseguiam ficar cara a cara comigo, mas ele? Ele se elevava sobre mim. Não que houvesse motivo para ele ficar perto de mim.

Seus companheiros guerreiros estavam um passo atrás em clara deferência. Engoli em seco.

Apesar das histórias o retratarem em proporções míticas, ele era apenas um homem, e ainda por cima jovem, provavelmente apenas alguns anos mais velho que eu, que tinha 21 anos.

Seu perfil era afiado, seu nariz uma lâmina cortante, sua boca uma linha sem sorriso, seu maxilar quadrado duro. Desenhos estranhos de tinta rastejavam por sua garganta bronzeada e desapareciam sob sua armadura de couro, e um pensamento deslizou espontaneamente pela minha mente: Até onde essas marcas se espalhavam por seu corpo?

Meu peito apertou, um puxão começando no centro. Esfreguei o local, desejando que a sensação desconcertante fosse embora, mesmo sentindo uma carranca se formando em minhas feições porque meus seios também não estavam dormentes. Eles pareciam mais pesados... doloridos e espinhosos.

“É ele?” Alguém sussurrou o que todos nós estávamos pensando. Não apenas pensando. *Sentindo*. A visão dele produziu uma reação visceral. “O Rei da Fronteira?”

O Rei da Fronteira. Outro de seus muitos apelidos. Senhor da Fronteira. A Besta.

Rei da Fronteira. Senhor Besta. Ele era todas essas coisas.

Legiões de guerreiros seguiam esse homem. Ele era o material de lendas e pesadelos. O mais forte. O mais cruel. O homem que mantinha esse reino unido.

A Trilha mal havia terminado, a vitória ainda quente nos lábios, quando as disputas e lutas internas começaram. Elas continuaram até hoje, tão incessantes quanto ondas no oceano.

Com os dragões finalmente desaparecidos, os humanos se voltaram uns contra os outros. A humanidade não podia mais caçar dragões, mas eles podiam caçar uns aos outros. E bruxas. E eles caçaram.

Alianças se romperam. Ataques a Penterra explodiram. Invasores devastadores cruzaram cadeias de montanhas e extensões de pântanos, por desertos e mares, para pilhar minha terra natal por todo o seu valor.

E isso não quer dizer que não existam ameaças dentro de nossas fronteiras também.

Pequenas fogueiras sempre estiveram ali, espalhadas pelo lugar, conflagrações bruxuleantes esperando para se transformar em fogueiras completas. Agora, hoje em dia, essas fogueiras rugiam para a vida. Bandidos abundavam. As estradas eram perigosas. Nenhuma comitiva do palácio viajava para lugar nenhum sem uma escolta completa. Guardas armados acompanhavam minhas irmãs e eu onde quer que fôssemos — fosse uma incursão rápida na vila ou uma viagem mais longa para a vila de verão na costa.

Por mais ruins que os bandidos fossem, os invasores eram piores. Relatos frequentemente chegavam sobre invasores escondidos nos Craggs, nos túneis e sistemas de cavernas há muito abandonados que antes serviam de lar para os dragões. Eles atacaram duramente as aldeias no norte, ficando cada vez mais ousados nos últimos anos, aventurando-se cada vez mais ao sul para arrasar comunidades vulneráveis. A Trilha pode ter acabado — nenhum avistamento de um dragão em quase cem anos — mas o país dificilmente estava em paz.

Sem os lordes da fronteira, especificamente *esses* lordes da fronteira, os que estão atualmente no Grande Salão, nossa fronteira norte já teria caído. *Penterra* teria caído. Quem sabia onde qualquer um de nós estaria? “É *ele*”, confirmou outra voz.

Não olhei para ver quem estava falando. Não olhei para lugar nenhum, exceto para *ele*. O homem que tinha muitos nomes e, ainda assim, cujo nome verdadeiro eu nunca tinha ouvido ser pronunciado. Talvez possuir um nome comum como o resto de nós o tornaria menos notável.

Esfreguei com mais força a tensão cada vez pior no meu peito, começando a me perguntar se eu estava sofrendo de algum tipo de apoplexia. E ainda assim eu permaneci, bebendo na visão dos recém-chegados... dele.

Seu rosto estava fixo como pedra. Olhos como a geada da noite, frios de inverno e vazios de emoção enquanto ele varria seu olhar sobre a família real. Ele se demorou sobre minhas irmãs.

Alise se encolheu, não gostando da atenção dele. Feena e Sybilia estavam menos indiferentes, endireitando os ombros para que o impulso dos seios ficasse mais aparente sob as saias. Elas gostavam da atenção dos homens. Aparentemente, o Rei da Fronteira não era exceção.

“Lorde Dryhten, bem-vindo, bem-vindo.” O Rei Hamlin se levantou e avançou.

Ele parecia pequeno e diminuto estando tão perto do guerreiro. Com suas mãos macias como pombas e estrutura mediana, ele não era um guerreiro. Ele nunca havia lutado em batalha. Ele governava de dentro da segurança dessas paredes. Felizmente, ele tinha homens como a Besta para manter Penterra segura para ele. Sem nenhum herdeiro homem, a preservação de seu reino seria garantida nos casamentos vantajosos de suas filhas com os príncipes de reinos vizinhos.

Ele deu um tapinha no ombro musculoso e grosso de Lorde Dryhten. “Sua visita já deveria ter sido feita há muito tempo. Temos banquetes e entretenimento planejados para todos vocês.”

A Besta inclinou a cabeça levemente, e um de seus guerreiros deu um passo à frente, carregando algo coberto por uma faixa de linho. O lorde guerreiro pegou-o dele e sacudiu o tecido para trás, revelando um lindo colar carregado de pedras preciosas.

Todos engasgaram. Mesmo de onde eu estava, eu podia ver o brilho... sentir sua atração. As joias não se pareciam com nada. Nem mesmo a rainha possuía algo tão fino.

A Besta ofereceu-o ao rei com uma profunda inclinação de sua cabeça.

“Vossa Majestade, um presente descoberto por meu pai nos Craggs durante sua expedição final.”

Eu me assustei com o som de sua voz profunda, sentindo-a fisicamente... tão tangível quanto um tapa áspero na minha pele.

O rei bateu palmas de alegria e então aceitou o colar, medindo seu peso.

“Oh! Mais pesado do que parece.” Ele o levou para sua esposa, e ela o

admirou, acariciando o que eu agora podia ver que eram rubis e turmalinas com uma mão amorosa. Minhas irmãs se inclinaram, admirando-o também. “Tão gentil da sua parte, Lorde Dryhten. Somos muito gratos a você e a todos os seus compatriotas. Somos nós que deveríamos estar concedendo presentes.” O sorriso da rainha era tão adorável que parecia um presente em si. “Devemos garantir que você seja bem recompensado por tudo o que faz pelo bem do reino.”

O rei murmurou em concordância com sua esposa, assentindo. “Sim, nós temos pensado cuidadosamente em como podemos mostrar a você nossa gratidão apropriadamente.”

“Posso pensar em uma maneira, Vossa Majestade.” Apesar do uso do honorífico, sua voz profunda exalava uma decidida falta de deferência. Murmúrios se espalharam pelo salão diante de sua ousadia. Ele já pensou em fazer uma exigência meros momentos após sua chegada?

“Bem, fale então, meu bom homem.” O rei assentiu em encorajamento. “O que é?”

Uma pausa se seguiu. Um silêncio caiu sobre o salão enquanto todos esperavam por sua resposta.

“Terei uma de suas filhas como esposa.”

O salão ficou em silêncio.

Ninguém respirava.

O puxão em meu peito se aprofundou em uma pulsação persistente. A Besta não se moveu ou falou novamente. Ele não precisava. Sua voz reverberou pelo Grande Salão, aquelas palavras permanentemente esculpidas no ar.

Terei uma de suas filhas como esposa.

Engoli um som engasgado. Ridículo. O rei não daria uma de suas filhas a esse bruto incivilizado de homem. Que ousadia. Que temeridade absoluta. Eu respeitava a hierarquia da sociedade que eu habitava. Era tudo o que eu conhecia. Tudo o que me ensinaram. Ordem. Um ataque em face do caos. Todos tinham seu lugar — sua posição, título, patente e papel. A Besta ousou pensar que poderia se libertar disso.

O homem ofensivo sustentou o olhar do rei por um longo e interminável momento.

Se fosse um teste de vontades, o rei cedeu primeiro. Um tanto ignominioso para um monarca.

E ainda assim ele desviou o olhar, buscando o senhor regente. O pai de Stig aconselhou o rei em todas as coisas.

Embora isso não me parecesse um assunto que exigisse aconselhamento. O rei deveria responder enfaticamente e definitivamente com uma recusa calorosa.

Uma rejeição tão retumbante nunca aconteceu.

Em vez disso, o lorde regente olhou para minhas irmãs, avaliando-as como se nunca as tivesse considerado antes — o que era patentemente falso. Elas eram sempre avaliadas como se fossem bens móveis. Todos sabiam que o futuro do reino dependia das alianças feitas por meio delas. O lorde regente não desejaria perder nenhuma das princesas para um conterrâneo — mesmo que fosse alguém tão vital para o bem-estar do reino quanto o Rei da Fronteira.

O impasse finalmente chegou ao fim quando o lorde regente abaixou o queixo no mais leve dos acenos. Reconhecimento. *Aquiescência?*

O movimento não passou despercebido. Todos então irromperam.

Movimento e sussurros inquietos rolaram pelo salão como uma maré. Stig saiu da linha de guardas, olhando incrédulo para seu pai, a mão em seu punho apertando como se ele estivesse tentado a usá-la.

O senhor regente balançou a cabeça uma vez em repreensão, repreendendo o filho para permanecer em silêncio.

Stig comprimiu a boca de forma rebelde e recuou na fila. Ele podia não gostar, mas era um servo leal ao trono e um filho obediente. Talvez quando estivesse sozinho com seu pai, ele pudesse convencê-lo, mas não faria isso aqui.

Terei uma de suas filhas como esposa.

Eu não conseguia tirar aquelas palavras horríveis dos meus ouvidos. O lorde regente não conseguia considerar algo tão ultrajante.

Balancei a cabeça. Não era nem um pedido. Nem mesmo uma proposição.

Era uma declaração de fato. Uma conclusão precipitada.

O homem que me criou e me amou como um pai nunca concordaria. *Ele poderia não.*

Meu olhar varreu Lorde Dryhten com desprezo, desejando que ele voltasse de onde tinha vindo. Um bárbaro das Terras da Fronteira que não sabia o suficiente para limpar suas botas antes de entrar no palácio não era digno de se casar com uma das minhas irmãs.

E ainda assim o rei sentou-se casualmente em seu trono, considerando a Besta pensativamente. O olhar do lorde regente era firme, avaliador e calculista.

Desânimo vibrou em meu ventre. Nem o rei nem o lorde regente riram, zombaram ou pareceram ofendidos — todas as reações que considerei adequadas à situação.

Princesas pertenciam a palácios usando as melhores sedas e joias. E brutais senhores da guerra pertenciam às perigosas fronteiras do reino. Os dois não se misturavam.

Eles não se misturavam e definitivamente não se casavam.

Feena e Sybilina não pareciam mais tão intrigadas. Elas trocaram olhares nervosos. O medo brilhou nos olhos de Alise. Mesmo à distância, eu conseguia detectar as linhas delicadas de sua garganta pálida trabalhando enquanto ela lutava para engolir.

Não Alise. Por favor, não.

Todos os três eram a própria imagem da inocência. Eu supunha que era por isso que fazia mais sentido para mim ser aquele a levar suas surras. *Eu* não parecia inocente. *Eu* não parecia frágil. Eu era uma escolha natural com minha altura imponente e olhar muito direto e cabelo desgrenhado. Eu parecia alguém propenso à maldade.

Pelo menos era o que o lorde camareiro sempre me dizia — sibilando baixinho enquanto me açoitava nas costas: *Você é uma criatura perversa, perversa. Uma moça de baixa estirpe, bom apenas para a vara, criado para suportar o impacto do meu chicote.*

“Lady Tamsyn?” A voz desviou minha atenção do drama que se desenrolava. Lady Dagny olhou para mim com os olhos piscando. “O que você está fazendo aqui?” Ela gesticulou em volta da multidão de espectadores com seus dedos carnudos e cheios de anéis. “Você não deveria estar sentada aí em cima?” Ela acenou com a cabeça em direção ao meu assento vago. “Cheguei atrasado e não queria causar distração indevida.”

Ela balançou a cabeça e franziu os lábios. Eu li sua desaprovação, seus pensamentos.

Ficar aqui parecia proclamar minha inadequação. Uma verdadeira princesa estaria lá em cima, onde ela pertencia.

Com um sorriso devidamente arrependido para a dama que era amiga íntima da rainha, voltei minha atenção para a frente do salão para ver o rei e seus conselheiros partindo com Lorde Dryhten e dois membros de seu grupo de guerreiros. Meu estômago afundou e se contorceu.

“Oh, eles estão indo embora com a Besta.” Lady Dagny deu um suspiro descontente. “Suponho que não nos será permitido ouvir como o Rei Hamlin responde a essa bobagem.” Ela abriu seu leque e começou a agitar furiosamente o ar ao redor do rosto.

Foi encorajador ver que eu não era o único que se opunha à ideia.

Que se sentia como eu. Infelizmente, Lady Dagny não era o árbitro final. Eu temia que o rei e o lorde regente estivessem tendo uma audiência privada com Lorde Dryhten porque eles não eram tão opostos à demanda do guerreiro quanto deveriam ser. E se a Besta os persuadissem a aceitá-lo como marido para uma das minhas irmãs? A náusea se enrolou em mim e se instalou na boca do meu estômago.

Não. Não. *Não.* Eu não podia deixar isso acontecer. Eu tinha que protegê-los.

Como se eu pudesse fazer algo para impedir que algo tão terrível acontecesse, eu empurrei a multidão, razoavelmente certo de onde eles continuariam a conversa. Não havia um canto deste palácio escondido para mim.

O benefício de ser menos importante, uma princesa menos valorizada, era que eu não era monitorada tão de perto quanto as outras. Eu tinha explorado cada canto e fenda deste palácio no meu lazer. As passagens ocultas não estavam escondidas para mim.

Eu sabia exatamente para onde ir.

[2](#)

[Caiu](#)

EU ERA FILHO DO MEU PAI.

Ele me ensinou a lutar. Ele me ensinou o significado da honra. Que você sangra pelas coisas que importam. Sua terra natal. Seu povo. Um rei inútil e fraco. Eu inalei. O rei em cujo palácio luxuoso eu agora estava — que colheu o benefício da minha proteção em troca de... nada.

Meu pai tinha ficado satisfeito com o arranjo. Balor, o Açougueiro, não questionou o ato de lutar, sangrar, *morrer* por um rei distante. A honra de tudo isso tinha sido o bastante para ele.

Não mais.

Não foi o suficiente para mim.

Não havia honra em ser o cão de caça de alguém.

Eu era filho do meu pai. Eu tinha aprendido tudo com ele, inclusive com seus erros, e me recusei a aceitar mais *nada* como pagamento por sangue. Era hora de as Borderlands serem vistas como algo mais do que a beira do nada, um país incivilizado, adequado apenas para a escória da humanidade. "Tem certeza de que quer fazer isso? Qualquer *esposa* que você conseguir deste lugar estará morta até o fim do inverno", Arkin murmurou para meus ouvidos apenas enquanto entrávamos na câmara, seu olhar penetrante percorrendo o espaço opulento.

"Você não sabe disso", retruquei.

“Que ela será fraca e mole como pudim? Sim, eu sei disso. Ela é daqui.” Ele gesticulou ao nosso redor com um estalar de dedos enojado. “Se ela não perecer na travessia por fadiga da sela ou quando atravessarmos o rio ou na primeira tempestade de neve, eu comerei meu escudo.” Arkin olhou para mim incrédulo. “Vamos, Dryhten. Eu vi aquelas *princesas* sentadas lá em cima e você também. Você precisa de uma donzela espadachim como esposa. Uma mulher forte para lhe dar filhos. Alguém que possa montar seu pau a noite toda e depois montar em uma montaria o dia todo.” O homem mais velho sorriu. Ele não tinha delicadeza, mas serviu ao lado do meu pai como seu vassalo e agora era, por sua vez, meu. Um senhor da fronteira por direito próprio, de uma propriedade menor a oeste da minha fortaleza, ele foi criado na selvageria, tornando-o precisamente o tipo de guerreiro que você queria com você na batalha. Eu suspirei. Talvez, porém, ele não fosse o melhor homem ao meu lado em empreendimentos diplomáticos.

“Chega”, ordenei calmamente.

O rei e sua comitiva estavam a apenas alguns metros de distância, e eu não queria que eles nos ouvissem falando de galos. Agora não era hora para mais debates. Arkin havia expressado suas dúvidas bastante na viagem para o sul, mas eu já tinha decidido. As princesas podem não parecer as mulheres mais corajosas, mas era assim que tinha que ser. Penterra estava sob ameaça em várias frentes. Sim, tínhamos inimigos, mas essa não era a única ameaça. Nosso povo estava morrendo de fome. A fome e as doenças eram galopantes no norte, no sul — em todos os lugares. As circunstâncias eram terríveis e não melhoravam sob

Rei Hamlin. Eu precisava de um assento à mesa para impedir que esses bastardos com cara de sapo estragassem tudo ainda mais — e o casamento com uma princesa Penterran me daria isso.

Um lacaios gesticulou para que nos sentássemos em qualquer um dos móveis de aparência frágil.

Cada superfície estava coberta de almofadas de seda, veludo e brocado com borlas. Belas pinturas cobriam as paredes. Um fogo crepitava em uma

lareira grande o suficiente para várias pessoas caberem lá dentro. Será que ficava frio o suficiente no sul para necessitar de uma coisa dessas? Meu lábio superior se curvou levemente quando me abaixei em um banco. Minha fortaleza era confortável, mas nem de longe tão opulenta.

Vinho foi oferecido. Não era cerveja, mas tomei um longo e saboroso gole, observando por cima da borda do meu cálice de joias enquanto o rei se sentava. O lorde regente tinha mais influência do que o esperado. Notei imediatamente que o olhar do rei o procurava continuamente *antes de* falar, *depois de* falar e mesmo quando não falava.

“Sua proposta é interessante, Lorde Dryhten”, disse o Rei Hamlin cuidadosamente, o roxo de sua túnica tão brilhante e imaculado que fez os olhos lacrimejarem.

O lorde regente permaneceu de pé, sua forma magra posicionada à direita do rei, uma mão segurando o encosto da cadeira. Eu me perguntei se o rei percebeu o quão controladora a postura parecia, como se ele fosse apenas um fantoche com o homem atrás dele puxando as cordas.

Eu dirigi meu olhar para o lorde regente. “Acredito que ganhei uma recompensa significativa.”

“Uma princesa do trono de Penterran, no entanto?” O lorde regente sorriu como se eu fosse uma criança pedindo o impossível e ainda fosse ingênua demais para saber disso. “Você se excede, meu lorde.”

O rei assentiu quase com pesar.

“Eu?” Eu me inclinei para trás contra travesseiros tão macios e luxuosos que meu corpo não sabia bem como reagir a tal conforto. Eu passei quase um mês cavalgando duro e me deitando no chão implacável para chegar aqui, para que pudéssemos voltar para casa antes da primeira neve. Não havia nada pior do que ser pego por uma tempestade de neve ao ar livre. Eu pretendia vir antes, mas um contingente feroz de invasores do norte me ocupou pelos últimos meses, e eu não era o tipo de homem que enviaria um emissário para coletar uma noiva para mim. Arkin se ofereceu para ir no meu lugar, mas parecia o tipo de coisa que eu deveria fazer sozinho, não

importando a inconveniência. Eu não tinha vontade de adiar por mais um ano. Esse negócio precisava ser feito.

Um servo encheu novamente as taças ao redor e ofereceu frutas. Essas frutas eram um luxo no clima frio do norte. Selecionei um cacho de uvas frescas. Arkin seguiu o exemplo, servindo-se de uma pêra e mordendo ruidosamente a fruta suculenta, olhando ao redor para todas as pessoas reunidas com os olhos piscando enquanto o suco pingava em sua barba grisalha.

“Ninguém desconsidera que você serviu o reino de forma admirável.” O tom do lorde regente tornou-se insinuante, e precisei de todas as minhas forças para não cortá-lo. Meus dedos se fecharam em um punho que coçava para atacar e atingir seu rosto presunçoso. Mas não era assim. Não aqui. Na minha vida, no meu mundo, a violência era a resposta para a maioria dos problemas. Aqui a resposta era conversa. Mentiras. Obter favores.

Eu tinha acabado de chegar e mal podia esperar para voltar para casa. O lorde regente fingiu polidez, disse as palavras certas, mas a sinceridade não estava lá. Seu sorriso não encontrou seus olhos. Eu não estava acostumado a nada menos que deferência, e o rosto presunçoso desse homem picou minha pele.

Assim como o jovem bastardo que me observava de onde estava, do outro lado da sala, seus olhos castanhos brilhantes e cheios de ódio, sua boca um corte implacável de lábios por entre sua barba.

Não fomos apresentados, mas ele usava a insígnia de um oficial... e uma carranca. Ele não fez nada para disfarçar sua aversão por mim, e eu quase podia respeitar isso. Eu preferiria isso a qualquer dia aos sorrisos falsos e elogios vazios que o lorde regente estava enviando em minha direção. Eu suponho que deveria apreciar sua falta de artifício.

Levantei uma sobrancelha zombeteira para ele, apreciando o rubor avermelhado de suas feições.

“Muito admiravelmente?”, ecoei suavemente, imaginando se eu era o único que ouviu o tom paternalista daquilo.

O sorriso do rei vacilou um pouco. Ele tinha ouvido.

O olhar do lorde regente estreitou-se ligeiramente. “Nós apreciamos todos os seus esforços,”

ele respondeu com bastante força, me fazendo querer... o quê? Acreditar nele? Sentir-me lisonjeado?

“Oh? Bem. Isso é um alívio,” respondi com entusiasmo exagerado, colocando uma uva na boca e mastigando com lentidão casual. “Eu tremo ao pensar em como você me veria se eu fizesse algo menos do que defender a fronteira norte uma e outra vez.”

Deixei minhas palavras pairarem no ar. Não uma ameaça. Precisamente.

Mas algo que eles pudessem pensar... como eu tinha certeza que fariam.

Arkin foi o primeiro a finalmente falar, sem surpresa. Ele liderou com sua espada em cada briga, mesmo quando a batalha era travada com palavras.

“De fato. Se não fosse por nossas defesas, três mil guerreiros de Veturland teriam invadido com sucesso na primavera passada. Outro rei estaria sentado onde você está agora.” Meu vassalo gesticulou — seus dedos grossos brilhando com o suco de sua pêra — para onde o Rei Hamlin estava sentado. Confie em Arkin para ir direto ao cerne da questão.

O sorriso do lorde regente desapareceu, as linhas de seu rosto estreito se estreitaram.

Seus olhos brilharam, mas ele não pôde negar a acusação, porque era verdade.

“E se isso não bastasse”, Arkin continuou dizendo, “há os invasores nos Craggs. Esses bastardos sabem lutar.” Ele disse isso com uma expiração pesada, balançando a cabeça ao pensar neles. Ele olhou para mim em busca de confirmação.

“Bons lutadores,” confirmei com um único aceno de cabeça, lançando um olhar de desgosto sobre os guardas na sala. Eles não sobreviveriam a um confronto com eles.

Os invasores que ocupavam os Craggs não eram milhares, mas eram um bando sanguinário. Altamente habilidosos, implacáveis e impossíveis de

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Aspose"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).